

OUTRAS FIGURAS MARCANTES

ENTRE OS NASCIDOS JÁ NO SÉCULO XX E ATÉ 1922, HÁ MAIS PORTUGUESES A RELEMBRAR

POR PAULO PAIXÃO

BENTO DE JESUS CARAÇA

Matemático (1901-1948)

Professor universitário, lançou centros de estudos da matemática, operando a modernização da disciplina em Portugal. Fundou a Biblioteca Cosmos (em 1941), coleções de livros científicos e culturais, para "a criação de uma mentalidade livre e de tonalidade científica entre os cidadãos portugueses". Tratou-se de um marco na divulgação cultural. Caraça foi também um dinamizador da Universidade Popular. Filho de pobres camponeses alentejanos, com educação custeada pela dona da herdade onde o pai era feitor, catedrático aos 28 anos, destacou-se na resistência ao regime fascista, que o mandou prender e o afastou da universidade.

DIAS AMADO

Médico (1901-1991)

Professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, foi afastado da Universidade por razões políticas. Seria reintegrado após o 25 de abril, como catedrático. Fundador de movimentos contra o regime, participou nas campanhas da oposição para a Presidência da República (em 1949, 1951 e 1958). Esteve detido pela PIDE e foi grão mestre do Grande Oriente Lusitano.



JOÃO BRANCO NÚNCIO

Toureiro (1901-1976)

Filho de abastado lavrador alentejano, de família aristocrata, participou na primeira novilhada aos 13 anos, em Évora. Toureou praticamente até à morte, tendo lidado dois mil touros, num milhar de corridas. A arte do toureiro equestre atingiu com ele um tal refinamento que o "califa de Alcácer" foi considerado o maior cavaleiro tauromáquico.

JOSÉ RÉGIO

Escritor (1901-1969)

Com Branquinho da Fonseca e João Gaspar Simões, fundou em 1927 a "Presença", a revista do segundo modernismo português. A obra de Régio, pseudónimo de José Maria Pereira, reflete abertamente os conflitos entre Deus e o Homem. Na escrita, exerceu múltiplos ofícios: poeta, dramaturgo, romancista, novelista, contista, ensaísta, cronista, jornalista, crítico, memorialista, epistológrafo e historiador da literatura. Na sua tese de licenciatura valorizou dois poetas então pouco conhecidos: Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. Foi também desenhador, pintor e colecionador de arte sacra e popular.

MANUEL IVO CRUZ

Compositor (1901-1985)

Fundador da Orquestra Filarmonica de Lisboa (1937) e reitor do Conservatório Nacional de Lisboa (1938-1971), onde sucedeu a Vianna da Motta, cultivou interesse pela música portuguesa pré-clássica, mas deixou diversificada obra. Promoveu as primeiras audições modernas e edições de peças dos compositores Carlos Seixas (1704-1742) e João de Sousa Carvalho (1745-1798).

FREDERICO DE FREITAS

Compositor (1902-1980)

Chefe de orquestra, musicólogo e pedagogo, consolidou uma carreira em redor de vários géneros, da música religiosa à ópera, do teatro ligeiro à banda sonora para filmes. Foi autor da partitura de "A Severa". Desenvolveu uma linguagem marcada pelo ecletismo. Foi chefe de orquestra da Emissora Nacional.

BRANQUINHO DA FONSECA

Escritor (1905-1974)

Foi um vulto do segundo modernismo português. Com Régio e João Gaspar Simões, fundou a revista "Presença". O poeta, dramaturgo e ficcionista deixa, no entanto, outra marca: foi o inspirador e o primeiro diretor do Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fijas da Fundação Gulbenkian, criado em 1958. As carrinhas da Gulbenkian foram aos sítios mais recônditos de Portugal, permitindo assim a muitos portugueses pobres o primeiro contacto com livros depois dos manuais escolares.

D. JOÃO DA CÂMARA

Locutor (1905-1978)

Aristocrata, foi uma das mais conhecidas vozes da Emissora Nacional (EN), quando a telefonia era o centro de quase todas as casas. Ao lado de Olavo d'Eça Leal, Maria Leonor, Artur Agostinho ou Pedro Moutinho (nomes que os portugueses sabiam de cor), D. João da Câmara foi expoente de uma pléiade de locutores. Tinha dicção sóbria, que fixou um registo de voz imediatamente associado à EN.

PAULO QUINTELA

Professor e tradutor (1905-1987)

A par da docência, foi um estudioso da língua e da cultura alemãs e deu a descobrir autores como Goethe, Holderlin e, sobretudo, Rilke, de quem fez algumas das primeiras traduções para Portugal. Também noutro campo, desbravou caminhos, à frente do Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra (hoje com o seu nome), pelo qual passaram, no palco e na plateia, muitas gerações de alunos daquela academia.

RUY LUÍS GOMES

Professor (1905-1984)

Foi diretor e/ou cofundador de várias instituições ou centros de investigação de matemática. Dois anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, foi demitido de professor catedrático da Universidade do Porto, por reclamar contra a prisão de uma aluna sua pela PIDE. Entre 1945 e 1957 esteve detido uma dezena de vezes. Fez parte da campanha de Norton de Matos e apresentou-se mesmo às eleições presidenciais de 1951, mas a candidatura foi chumbada pelas autoridades. Exilou-se depois na América do Sul, tendo sido professor em universidades argentinas e brasileiras. Só regressou a Portugal após 1974.

AGOSTINHO DA SILVA

Ensaísta (1906-1994)

Filósofo, poeta, tradutor de várias das 15 línguas que dominava, viveu e lecionou muitos anos na América do Sul, em especial no Brasil, onde se exilou, após ter sido demitido do ensino. Estudou e escreveu sobre filologia (a formação universitária de base), a literatura portuguesa de um modo geral, estudos africanos e orientais, arte, mas também sobre saberes mais inóspitos para um homem de letras, como histologia do sistema nervoso, cartografia ou paleontologia. Foi um agitador de consciências, senhor do seu pensamento (livre e por vezes libertário), místico, reclamando-se herdeiro de Vieira e crente no Quinto Império. Defendeu ideais da lusofonia muito antes de esta entrar na moda. Nos anos 80, teve notórias aparições televisivas. E um discurso "fora da caixa": desafiava os valores de um património lusitano para combater os malefícios que vislumbrava na aventura europeia.



D. SEBASTIÃO SOARES DE RESENDE

Bispo (1906-1967)

Foi o prelado português que mais interveio no Concílio Vaticano II (1962-1965), denunciando atrocidades do colonialismo. Na diocese da Beira, onde chegou com 37 anos, criou estruturas para a população, sob pressões da metrópole. "As autoridades portuguesas querem o preto selvagem para continuar a ser animal de carga. Mas as missões hão de ir, quer queira, quer não."

IRMÃ LÚCIA

Visite de Fátima (1907-2005)

Com os primos Francisco e Jacinta, precocemente falecidos, Lúcia de Jesus dos Santos é um dos três pastorinhos de Fátima, as crianças que em 1917 testemunharam as aparições de Nossa Senhora. Abraçaria poucos anos depois a vida religiosa, ingressando nas Irmãs Doroteias. É a versão de Lúcia que acaba assim por sustentar o culto mariano de Fátima — o maior fenómeno de religiosidade em Portugal e um dos mais poderosos no mundo católico, sobretudo após a devoção revelada por João Paulo II. Se bem que tenha estado ao serviço da ideologia do Estado Novo, Fátima tornou-se com os anos um ponto de romaria para peregrinos em todos os estádios de fé e até de vários credos. Assim, transcendeu as fronteiras do espiritual e adquiriu uma dimensão civilizacional.



JORGE DIAS

Antropólogo (1907-1973)

Deu um sentido à moderna antropologia portuguesa e foi o agregador da equipa (com Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, entre outros) que estruturou a disciplina. Doutorou-se na Alemanha com uma tese sobre Vilarinho da Furna — e assim muita gente ouviu pela primeira vez falar da aldeia. Criou centros de estudo e promoção da etnologia e da antropologia cultural, como o atual Museu de Etnologia de Lisboa. Autor eclético, escreveu mais de uma centena e meia de obras, nas quais o trabalho de campo teve sempre papel marcante.

MIGUEL TORGA

Escritor (1907-1995)

Várias vezes nomeado para o Nobel, deixou vasta produção, da poesia ao romance, do teatro ao conto, culminando na diarística (o "Diário" teve 16 volumes, abarcando o período 1941-1996). Pseudónimo de Adolfo Correia da Rocha, nascido nas serranias transmontanas, que nunca saíram da sua escrita, Torga cultivou uma obra de pendor humanista, em que a denúncia de injustiças foi uma constante. Coimbra, onde residia e tinha o consultório médico, estava longe da vida mundana, mas o escritor ainda cavou mais esse fosso. O eremita esteve no entanto sempre bem atento à realidade. Como o revela esta radiografia do destino coletivo lusitano ("Diário IX", 1961): "É um fenómeno curioso: o país ergue-se indignado, moureja o dia inteiro indignado, come, bebe e diverte-se indignado, mas não passa disto. Falta-lhe o romantismo cívico da agressão. Somos, socialmente, uma coletividade pacífica de revoltados."

VIRGÍNIA RAU

Historiadora (1907-1973)

Professora da Faculdade de Letras de Lisboa, onde foi professora catedrática e fundou o atual Centro de História da Universidade de Lisboa, deixou trabalhos marcantes na História Económica e Social (Idade Média e Moderna) e abriu novas pistas à historiografia nacional (com os estudos das feiras medievais ou da lei das sesmarias).

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Cineasta (1908-1995)

Realizador e produtor de uma centena de filmes, entre curtas e longas-metragens, foi considerado o "cineasta do regime". Entre 1940 e 1970, fez a cobertura dos atos oficiais do Estado Novo. Se é verdade que a sua filmografia atesta essa ligação (como a "Manifestação Nacional a Salazar", 1941), António Lopes Ribeiro (irmão mais velho de Ribeirinho) deixa também, como realizador ou produtor, alguns dos melhores filmes da época de ouro do cinema português ("O Pai Tirano", "O Pátio das Cantigas"). Teve ainda uma carreira multifacetada: impulsionou o teatro, esteve nos primeiros tempos da rádio, foi crítico de espetáculos, tradutor, argumentista e até, no final da vida, ator de telenovela.

72



D. FRANCISCO MARIA DA SILVA

Arcebispo (1910-1977)

Seminarista em Évora, foi longe da planície que teve papel ativo na vida da Igreja e na História do país. Arcebispo primaz de Braga em 1964, esteve no Concílio Vaticano II. Apeada a ditadura e aquecendo Portugal no "verão quente" de 1975, D. Francisco liderou a arquidiocese minhota nos dias explosivos do PREC. Uma direção espiritual com comando operacional do cónego Melo, que arrematava os fiéis nos átrios das igrejas para esconjurarem o perigo vermelho.

RIBEIRINHO

Ator e encenador (1911-1984)

Francisco Lopes Ribeiro, irmão mais novo de António Lopes Ribeiro (daí o diminutivo como nome artístico), ficou sobretudo na memória como ator de papéis cómicos, em filmes como "O Pai Tirano", "O Pátio das Cantigas" ou "O Grande Elias". Mas nos palcos teve marcante e longa trajetória. Foi criador de "Os Comediantes de Lisboa", por onde passaram os grandes nomes do teatro. Como encenador, dirigiu peças de Gogol, Shakespeare, Tchekov e Beckett. E foi o responsável pelo lançamento de atores como Ruy de Carvalho, Armando Cortez ou Canto e Castro.

MÁRIO NEVES

Jornalista (1912-1999)

Ficou conhecido muito jovem com a reportagem da guerra civil de Espanha. Ao serviço do "Diário de Lisboa", foi dos poucos repórteres internacionais a testemunhar os massacres de Badajoz. Em agosto de 1936, forças franquistas fuzilaram adversários na praça de touros e queimaram os seus cadáveres num cemitério. Seria mais tarde redator do "Século" e um dos fundadores de "A Capital". Foi dele a pergunta a Humberto Delgado ("Se for eleito, o que faz a Oliveira Salazar?") que levou o candidato presidencial a dar a célebre resposta: "Obviamente, demito-o." Após o 25 de abril foi embaixador em Moscovo e secretário de Estado do Governo de Maria de Lourdes Pintasilgo. Décadas após a matança, já com a democracia dos dois lados da fronteira, quebrou uma promessa de muitos anos: voltou a Badajoz, para um documentário televisivo.

FREDERICO VALÉRIO

Compositor (1913-1982)

Começou por chefiar uma orquestra de acordeão, de seguida compôs para o teatro de revista, o que lhe dá enorme êxito. Cruza-se com Amália e como diretor de orquestra acompanha a fadista numa digressão ao Brasil. Lá compõe o célebre "Ai, Mouraria", que a diva eternizou. Por cá, um empresário americano desafia-o a ir para Nova Iorque. Na Broadway, durante anos, assina musicais. Foi dos mais inspirados compositores da música ligeira portuguesa, autor de centenas de trabalhos.

MANUEL ROCHA

Engenheiro (1913-1981)

Professor universitário, elaborou uma centena de estudos técnicos que deram contributos decisivos para o avanço da engenharia civil. Com trabalhos importantes na física e na mecânica aplicadas, o seu maior legado foi, no entanto, a criação do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), em 1947. Com o LNEC, a engenharia civil portuguesa ganha reputação mundial. Foi ministro do primeiro Governo provisório (de Palma Carlos, em 1974) e presidente da Ordem dos Engenheiros.

COSTA GOMES

Militar e político (1914-2001)

Teve longa carreira militar no Estado Novo, de que se foi distanciando. Subsecretário de Estado do Exército (1958-1961), desempenhou altos cargos num comando da NATO, nos EUA. Em 1961, tem um primeiro atrito com o regime: é afastado por ter apoiado o golpe de Botelho Moniz. Promovido a general em 1968, chegaria a chefe de Estado-Maior General das Forças Armadas (CEMGFA). É exonerado pouco antes do 25 de abril, por ter autorizado o livro "Portugal e o Futuro", de António de Spínola. Após a revolução, integra a Junta de Salvação Nacional e é novamente CEMGFA, para pouco depois substituir Spínola na Presidência da República. Costa Gomes teve papel decisivo no "verão quente" de 1975 e em particular no 25 de novembro, dando um apoio discreto aos militares moderados. Seria promovido a marechal em 1982. Da sua resiliente vida político-militar ficam pontos por esclarecer, como a verdadeira natureza da relação com o PCP durante o PREC. E uma alcinha que faz jus à arte de nunca ter ido ao fundo: o Rolha. Mas é pacífico, mesmo entre adversários, que foi ele quem mais contribuiu para evitar uma guerra civil.

JOSÉ SEBASTIÃO E SILVA

Matemático (1914-1972)

Professor universitário, investigador, os seus trabalhos geraram investigações no estrangeiro, contribuindo para o avanço da matemática. Além de académico, foi também pedagogo. Escreveu compêndios para os liceus, que pelo rigor da linguagem melhoraram a aprendizagem da disciplina. Esta passou a ser objeto de uma visão globalizante e integradora, desde a escola primária à universidade.

KAÚLZA DE ARRIAGA

Militar (1915-2004)

Quando se iniciaram as movimentações militares no dia 25 de abril de 1974, a hipótese de se tratar de um golpe de Kaulza era bem real. Este chefe militar corporizava aos olhos de muitos (adversários e seguidores) a liderança dos ultras do regime. Notabilizou-se no comando das tropas em Moçambique, especialmente na operação "Nó Górdio" (1970). Era secretário de Estado da Aeronáutica quando rebentou a guerra colonial. Em 1961, foi decisivo a travar o golpe de Botelho Moniz. Em 1977, fundou o Movimento para a Independência e Reconstrução Nacional (MIRN), um partido de extrema-direita.

ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

Ensaísta (1917-1993)

Crítico literário e historiador da literatura, foi afastado da Faculdade de Letras de Lisboa por razões políticas. Em 1960, exila-se em Paris. É lá, desencantado com a invasão soviética da Hungria, que rompe com o comunismo e o PCP. Assiste ao maio de 68 e transita depois para a Universidade de Amsterdão. Só regressa a Portugal após o 25 de abril. Irmão de José Hermano Saraiva, António José foi sempre um espírito contra a corrente, consagrando novas abordagens da cultura portuguesa. A monumental "História da Literatura Portuguesa", publicada pela primeira vez em 1953 (em coautoria com Óscar Lopes), formou gerações de estudantes. Em vez de uma visão excessivamente centrada na biografia do autor da obra, os contextos sociais, políticos, culturais e económicos ganham relevância.

ÓSCAR LOPES

Linguista (1917-2013)

Muitas vezes apresentado como ensaísta e crítico literário, a linguística foi o saber que mais o atraiu. Sempre aberto à inovação, recorreu à lógica simbólica como instrumento de análise gramatical. Militante do PCP, foi expulso do ensino pelo Estado Novo e proibido de sair do país. Só pôde lecionar na universidade após 1974. Apesar da produção como linguista, a sua obra mais conhecida é a que escreveu com António José Saraiva, "História da Literatura Portuguesa", que desde meados do século XX ajudou os portugueses a olhar de outro modo para os escritores nacionais.

VERA LAGOA

Jornalista (1917-1996)

Pseudónimo de Maria Armada Falcão, foi a primeira mulher a aparecer na televisão em Portugal. Mais tarde, no "Diário Popular", foi a precursora da crónica social. Politicamente, evoluiu da esquerda durante a ditadura (foi secretária do general Humberto Delgado) para a direita no tempo da democracia. Foi a diretora e a alma mater do jornal "O Diabo", que esteve fechado sob ordens do Conselho da Revolução.

FRANCO NOGUEIRA

Político (1918-1993)

Diplomata, é nomeado ministro dos Negócios Estrangeiros em 1961. Coube-lhe a defesa da política externa nos primeiros anos da guerra colonial. Na geometria interna do regime, evoluiu de posições mais moderadas para uma linha radical. Antes de abraçar a vida diplomática e política, foi vários anos crítico literário. Após o 25 de abril, esteve preso e exilou-se em Londres. Foi também escritor (obras de história e de memórias).

VITORINO MAGALHÃES GODINHO

Historiador (1918-2011)

Influenciado pela historiografia dos Annales, demonstrou a importância dos aspetos económicos e sociais na expansão portuguesa dos séculos XV e XVI. Obteve logo em França o reconhecimento científico. Voltou a Portugal, e foi duas vezes nomeado para universidades, sendo em ambas demitido por razões políticas. Por isso, regressa a França. Obras marcantes de Godinho, como "Os Descobrimentos e a Economia Mundial", marcariam gerações de investigadores e teriam papel crucial no ensino da História. Após o 25 de abril, foi ministro da Educação e diretor da Biblioteca Nacional. O historiador português de maior projeção internacional recebeu em 1991 o Prémio Balzan, uma espécie de Nobel para as Ciências Sociais e Humanidades. Mas o académico nunca se fechou na torre de marfim: viu e quis sempre a História como ofício de cidadania.



PEYROTEO

Futebolista (1918-1978)

Chegou ao Sporting em 1937. Avançado centro, integrou a célebre equipa leonina dos 'Cinco Violinos' (Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano), uma linha atacante que deu ao clube a liderança do futebol português no final da década de 40. Venceu seis campeonatos e quatro Taças de Portugal. No plano individual, tornou-se um mito: marcou 331 golos em 197 jogos pelo Sporting (o que dá uma média de 1,6 golos/jogo), números nunca superados.



JORGE DE SENA

Escritor (1919-1978)

Engenheiro civil de formação, emigrou por razões políticas para o Brasil. Como poeta, ficcionista, dramaturgo ou ensaísta, construiu obra marcada por uma reflexão humanista sobre a liberdade. Está poucos anos em terras de Vera Cruz e dá novo salto, para os EUA. Volta a Portugal algumas vezes, após o 25 de abril, mas logo se desencanta com a revolução. "Não, não, não subscrevo, não assino/ que a pouco e pouco tudo volte ao de antes", escreveu em fevereiro de 1976. Morreu relativamente novo, com cancro. Vários títulos, como "Sinais de Fogo" — a obra de ficção mais famosa, um romance autobiográfico —, são publicados postumamente.

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Escritora (1919-2004)

Poeta da palavra precisa, marcada por referências à infância e à juventude, à Natureza e ao mar. É na escrita para crianças e na poesia que mais se destaca, mas tem também contos, peças de teatro e ensaios, além de traduções (Eurípedes, Shakespeare, Dante). Recebeu os mais importantes prêmios nacionais e alguns internacionais. Influenciada pela literatura clássica e pela civilização grega, tal atmosfera no entanto nunca a desligou do mundo à sua volta. Envolveu-se nos movimentos universitários católicos contrários ao regime. Com o marido, o advogado Francisco Sousa Tavares, esteve ao lado dos presos políticos. E quando chega a conquista da democracia (que a levaria à Assembleia Constituinte, pelo PS), é de Sophia talvez o mais belo poema sobre essa jornada: "Esta é a madrugada que eu esperava/ O dia inicial inteiro e limpo."



ARTUR AGOSTINHO

Locutor (1920-2011)

Foi um homem dos sete ofícios. Relator desportivo na rádio e na TV; colaborador da RTP desde a primeira hora, cara das principais emissões; ator de teatro radiofónico e em alguns filmes da idade de ouro do cinema português (em "O Leão da Estrela" contracenou com António Silva); dono de uma agência de publicidade; ou ainda diretor do jornal desportivo "Record". Em 1974, foi conotado com o regime deposto e preso em Caxias. Emigrou depois para o Brasil. Volta na década de 80, ganhando novo fôlego. Regressa aos comentários desportivos e aos concursos, publica livros (memórias e romance) e torna às artes da representação, estreando-se nas telenovelas.

MÁRIO CASTRIM

Crítico de TV (1920-2002)

Jornalista e escritor (com muitas obras para crianças, mas também peças de teatro e ensaio), foi o primeiro crítico de televisão em Portugal, com crônicas iniciadas em 1965 (primeiro no "Diário de Lisboa" e após o fecho deste no "Tal & Qual"). No vespertino, fora antes o responsável pelo "Diário de Lisboa Juvenil", suplemento onde debutaram muitos grandes jornalistas e escritores. Mas foi como implacável observador da pantalha que Castrim (pseudônimo de Manuel Nunes da Fonseca) se destacou. Durante décadas, a sua coluna "Canal da Crítica" tornou-se de leitura diária obrigatória.

CORREIA DE OLIVEIRA

Político (1921-1976)

Foi um dos mais fiéis colaboradores de Salazar. Com a sua proximidade ao chefe do Governo — chegou a ministro de Estado adjunto (1961-1965) e a ministro da Economia (1965-1968) —, teve um papel importante nas negociações da adesão de Portugal à Associação Europeia de Livre Comércio (EFTA). Manteve uma carreira pública a par da administração de bancos e de companhias financeiras. E uma vida privada que cerceou as ambições políticas. Foi o ministro envolvido no escândalo 'Ballet Rose' — uma rede de prostituição que usava raparigas menores, algumas pré-adolescentes —, no qual estavam implicadas altas figuras do regime e da sociedade.

MONIZ PEREIRA

Treinador de atletismo (1921)

É o "senhor atletismo". Como técnico, esteve em 12 Jogos Olímpicos, em 13 Campeonatos da Europa e em 21 Campeonatos do Mundo de Corta-mato. Treinados por ele, atletas nacionais (Carlos Lopes à frente de todos) passaram a ganhar medalhas nas grandes competições. Tem uma vida de grande polivalência. Praticou andebol, basquetebol, futebol, hóquei em patins, ténis de mesa, atletismo e voleibol (modalidade em que foi também treinador). É ainda autor de mais de uma centena de fados, a que Amália, Carlos do Carmo e Camané, entre outros, deram a voz.

ADRIANO MOREIRA

Político e académico (1922)

Quando jovem, ainda simpatizou com o Movimento de Unidade Democrática (MUD). No final da década de 50 já está em sintonia com o regime, a representar Portugal na ONU. Mais tarde é secretário de Estado e depois ministro do Ultramar (em 1961). A Moreira confia Salazar a missão de encontrar respostas para os problemas das colónias. O ministro tem uma visão progressista para os limites da ditadura (quer abolir o estatuto do indigenato), embora no outro prato da balança tenha reaberto o Tarrafal. Salazar vetou alguns pontos e Moreira abandona o Governo. Com a democracia, volta à política ativa: foi deputado e presidente do CDS. Como académico, teve papel vital no surgimento da ciência política e das relações internacionais em Portugal, com a transformação da Escola Superior Colonial no atual Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSIP), em Lisboa.

ALBANO

Futebolista (1922-1990)

Jogador do Sporting, foi o ponta esquerda dos 'Cinco Violinos' (Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano). Conquistou oito campeonatos nacionais, quatro Taças de Portugal e dois campeonatos de Lisboa (prova hoje inexistente). De leão ao peito, marcou 162 golos em 334 jogos. Futebolista rápido e habilidoso, dele disse Peyroteo: "Nada fazia em força. Tudo era feito em jeito, de uma maneira leve e suave."

PALMA INÁCIO

Guerrilheiro (1922-2009)

Protagonizou algumas das ações mais espetaculares contra o regime fascista, como o desvio de um avião da TAP (um voo Casablanca-Lisboa, 1961) e o assalto ao Banco de Portugal, na Figueira da Foz (1967), em que roubou 30 mil contos (150 mil euros), uma fortuna então. Nos planos da Liga de Unidade e Ação Revolucionária (LUAR, de que Palma Inácio foi líder) esteve uma ambiciosa operação, nunca concretizada: a conquista da Covilhã. João Soares chamou-lhe o "revolucionário romântico" que "nasceu pobre e morreu pobre".

JOÃO DE FREITAS BRANCO

Musicólogo (1922-1989)

Começou a crítica musical no jornal "O Século", mas é na rádio (e na televisão) que se afirma como o maior educador musical português. Na Emissora Nacional, teve durante quase três décadas o programa "O Gosto pela Música". Com uma linguagem acessível, dava clareza e compreensão a complexos conceitos estético-filosóficos. Foi um dos fundadores da Juventude Musical Portuguesa, em 1948, que refrescou o panorama de então. Dirigiu o Teatro São Carlos (1970-1974) e após o 25 de abril integrou governos provisórios.

VASCO GONÇALVES

Político (1922-2005)

Era o oficial mais graduado (coronel) entre os que fizeram o 25 de abril. Com a queda do I Governo Provisório, é chamado à liderança do Executivo. Iria comandá-lo a partir de 18 de julho de 1974, no período mais turbulento da História recente de Portugal, quando o país esteve partido em dois e à beira de uma guerra civil. O Processo Revolucionário Em Curso (PREC) terminou a 25 de novembro de 1975. O "companheiro Vasco" da canção já não estava ao leme: o V Governo Provisório caíra em setembro. O general, na sua condição de militar, seria passado compulsivamente à reforma em 15 de dezembro.

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

Historiador de arte (1922)

Ensaísta, sociólogo, ficcionista recente, pedagogo, curador, entre outras coisas, é o maior crítico e historiador de arte português, atravessando várias gerações. A sua intervenção cultural começou na primeira metade do século XX, nas querelas do surrealismo. Depois, numa vida entre Lisboa e Paris, vai publicando livros e artigos, sobre os séculos XIX e XX, que fixam o cânone da História da Arte. Criou o primeiro mestrado na disciplina, em 1982. Homem de ideal renascentista — com muitos outros interesses, como cinema, pintura, arquitetura ou urbanismo —, dizia que "na arte só há uma maneira de lá chegar: ver, ver, ver". Explicou uma vez: "Olhei dez mil quadros, vi mil, estudei cem, compreendi dez."